

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE IPORÁ-UNIPORÁ
PSICOLOGIA**

LUELLE KAROLINE MENDES DA SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DA LUDOTERAPIA PARA O DESENVOLVIMENTO
DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

**IPORÁ-GO
2025**

LUELLE KAROLINE MENDES DA SILVA

A CONTRIBUIÇÃO DA LUDOTERAPIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE
CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Artigo apresentado à Banca
Examinadora do Curso de
Psicologia Centro Universitário de
Iporá-UNIPORÁ como exigência
parcial para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia

Orientadora Ma. Dyullia Moreira de
Sousa

BANCA EXAMINADORA

Dyullia Moreira de Sousa

Professora Ma Dyullia Moreira de Sousa

Presidente da Banca e Orientadora

Jaqueinne de Sousa Silva Ferreira

Professora Jaqueinne de Sousa Silva Ferreira

Antônio Mendes da Rocha Filho

Professor Antônio Mendes da Rocha Filho

IPORÁ-GO

2025

A CONTRIBUIÇÃO DA LUDOTERAPIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

THE CONTRIBUTION OF PLAY THERAPY TO THE DEVELOPMENT OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

*Luelle Karoline Mendes da Silva*¹

*Dyullia Moreira de Sousa*²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as contribuições da ludoterapia no desenvolvimento emocional, social e cognitivo de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, baseada em artigos científicos e produções acadêmicas publicadas entre 2017 a 2025. Os resultados indicam que a ludoterapia, ao utilizar o brincar como instrumento terapêutico, promove avanços significativos na comunicação, na regulação emocional, na socialização e no fortalecimento dos vínculos afetivos. Essa abordagem oferece à criança um ambiente seguro e acolhedor para a expressão de sentimentos, auxiliando no desenvolvimento da autonomia e na redução de comportamentos repetitivos. Constatou-se também que o envolvimento da família nas práticas lúdicas potencializa os benefícios do tratamento, ampliando a interação e o apoio emocional no contexto doméstico. Conclui-se que a ludoterapia é uma ferramenta eficaz e humanizada no cuidado de crianças com TEA, contribuindo para sua inclusão social e para o aprimoramento de suas habilidades emocionais e cognitivas.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Ludoterapia. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

This study aims to analyze the contributions of play therapy to the emotional, social, and cognitive development of children with Autism Spectrum Disorder (ASD). The research was conducted through a bibliographic review with a qualitative, exploratory, and descriptive approach, based on scientific articles and academic publications published between 2017 and 2025. The results indicate that play therapy, by using play as a therapeutic tool, promotes significant advances in communication, emotional regulation, socialization, and the strengthening of affective bonds. This approach provides children with a safe and welcoming environment for the expression of feelings, supporting the development of autonomy and reducing repetitive behaviors. The findings also show that family involvement in playful practices enhances the benefits of treatment, expanding

interaction and emotional support within the home environment. It is concluded that play therapy is an effective and humanized tool in the care of children with ASD, contributing to their social inclusion and to the improvement of their emotional and cognitive skills.

Keywords: Child development. Play therapy. Autism Spectrum Disorder.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por desafios na comunicação, na interação social e na presença de comportamentos repetitivos, fatores que impactam diretamente no desenvolvimento infantil. Diante dessas dificuldades, a ludoterapia destaca-se como uma abordagem terapêutica que utiliza o brincar como instrumento de intervenção, possibilitando à criança expressar sentimentos, desenvolver habilidades sociais e ampliar suas capacidades cognitivas em um ambiente acolhedor e seguro. Por meio das atividades lúdicas, a criança com TEA aprende a lidar com emoções, reduzir comportamentos repetitivos, interagir com o outro e fortalecer vínculos familiares. Dessa forma, a ludoterapia contribui significativamente para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo, promovendo maior qualidade de vida e inclusão das crianças dentro do espectro autista.

O aumento expressivo dos diagnósticos de TEA no Brasil evidencia a importância de estudos voltados à avaliação de intervenções que promovam o desenvolvimento integral dessas crianças. Segundo o Ministério da Saúde (2022), mais de dois milhões de brasileiros apresentam algum grau de TEA, enfrentando desafios relacionados à socialização, comunicação e adaptação às rotinas, o que impacta sua qualidade de vida e participação social. Nesse contexto, questiona-se: quais contribuições a ludoterapia proporciona ao desenvolvimento emocional, social e cognitivo de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)?

Dante dessa questão, torna-se essencial investigar como a ludoterapia pode contribuir para o desenvolvimento integral de crianças com TEA, considerando sua relevância como prática terapêutica que alia o brincar ao processo de aprendizagem e expressão emocional. Essa abordagem possibilita à criança vivenciar experiências significativas, aprimorar a comunicação e desenvolver formas mais funcionais de interação com o meio. Além de atuar na dimensão clínica, a ludoterapia também se mostra um importante instrumento de inclusão, pois estimula a autonomia, fortalece vínculos afetivos e favorece a adaptação social. Assim, compreender suas contribuições representa um passo importante para ampliar o olhar sobre as possibilidades de

intervenção junto ao público infantil com TEA, promovendo práticas mais humanizadas e eficazes.

Este estudo tem como objetivo geral investigar de que forma a ludoterapia contribui para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para alcançar esse propósito, propõe-se analisar os aspectos do desenvolvimento infantil, considerando suas dimensões emocional, social e cognitiva; conceituar a ludoterapia e apresentar seus fundamentos teóricos, evidenciando suas principais abordagens e relevância como recurso terapêutico; e caracterizar as manifestações do TEA na infância, relacionando-as às possibilidades de intervenção oferecidas pela ludoterapia.

1.1 REVISÃO TEÓRICA

1.1.1 Desenvolvimento Infantil

O início do desenvolvimento humano ocorre já na fase intrauterina, continuando ao longo de toda a vida, sendo influenciado por uma interação dinâmica entre fatores biológicos e ambientais (CDC - CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2012; Zeppone; Volpon; Del Ciampo, 2012 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022). Desde o momento da concepção, o organismo passa por processos contínuos de transformação, que envolvem tanto a maturação do sistema nervoso quanto o crescimento físico, intelectual e emocional (Vygotsky, 1987 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022).

Conforme Serrana e Luque (2015 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022), o desenvolvimento integral da criança resulta de uma combinação entre as características herdadas geneticamente e as experiências vivenciadas no dia a dia. Esse processo é caracterizado por uma sequência de mudanças sistemáticas e progressivas, que se refletem em comportamentos e atitudes manifestados pela criança, tornando suas ações cada vez mais complexas e elaboradas com o passar do tempo.

Os anos iniciais de vida são de grande importância, pois nesta fase os circuitos neurais se formam de maneira acelerada. As conexões que se estabelecem neste período são influenciadas por experiências precoces, que afetam a formação da subjetividade, a organização do sistema nervoso e o padrão de comportamento do indivíduo (Zeanah Jr; Zeanah, 2009, p. 5 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022). Dessa forma, tanto os fatores genéticos quanto as condições ambientais desempenham papel fundamental na configuração do desenvolvimento infantil, evidenciando a necessidade de estímulos adequados nessa fase primordial para o alcance de um

desenvolvimento equilibrado e saudável.

O desenvolvimento infantil pode ser entendido como um processo que abrange múltiplas dimensões de forma integral, incluindo o crescimento físico, a maturação neurológica, o desenvolvimento de aspectos comportamentais, sensoriais, cognitivos e de linguagem, além das relações socioafetivas. Essa transformação permite que a criança responda às suas próprias necessidades e às do seu ambiente, levando em consideração o seu contexto de vida (Brasil, 2016, p. 12 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022).

Ter conhecimento e acompanhar as diferentes fases do desenvolvimento infantil são ações essenciais, pois possibilitam identificar quando o avanço não ocorre conforme o esperado, sinalizando possíveis sinais de alerta que requerem atenção mais especializada. A detecção precoce de alterações no desenvolvimento é fundamental para que intervenções adequadas possam ser realizadas de maneira oportuna.

Compreender o desenvolvimento das crianças é imprescindível para uma observação eficaz dos marcos de progresso esperados ao longo do tempo. Entender como as crianças evoluem dentro desses marcos, em determinado período, constitui-se em um dos principais conhecimentos necessários ao cuidado infantil.

Hinde (1994, p. 12 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022), em seu texto *Developmental Psychology in the Context of Other Behavioral Sciences*, pontua que “investigar as diferenças no desenvolvimento dos indivíduos implica, inicialmente, entender as propriedades comuns, para então compreender as variações”. Conforme as ideias de Hinde, é fundamental entender primeiro as características comuns e os marcos universais do crescimento, que servem como base para identificar as variações individuais.

Outro aspecto importante a ser considerado é que, embora os domínios do desenvolvimento infantil sejam classificados em áreas funcionais distintas, como cognitivo, motor, emocional, social e de linguagem, essa divisão é apenas uma ferramenta de estudo. Na realidade, esses domínios são interdependentes ao longo de todo o percurso de crescimento, de modo que um influencia diretamente os demais. Por exemplo, o desenvolvimento motor possibilita maior exploração do ambiente, favorecendo aquisições cognitivas; a linguagem contribui para o fortalecimento das relações sociais e emocionais; e aspectos emocionais podem impactar tanto a aprendizagem quanto o desempenho cognitivo. Assim, observa-se que o desenvolvimento da criança ocorre de forma integrada e dinâmica (Luria, 2013 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022).

Além disso, de acordo com Papalia *et al.* (2006 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022), o desenvolvimento na infância possui uma natureza cumulativa, estando relacionado ao progresso ao longo de toda a vida, não se encerrando em uma fase específica. Pode-se afirmar que o desenvolvimento segue uma trajetória de complexidade crescente, no qual as habilidades recém-adquiridas se integram hierarquicamente, garantindo que a criança consiga combinar várias competências ao mesmo tempo.

Desde o nascimento até o final da vida, ocorre uma sequência de eventos organizados em estágios distintos, relacionados aos processos reprodutivos da sociedade. Cada estágio de desenvolvimento exige a realização de tarefas específicas, promovendo uma transição de competências que resulta em mudanças qualitativas neste processo (Dessen; Costa JR., 2005 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022).

A maioria das células cerebrais humanas se forma ainda antes do nascimento. Contudo, após o parto, as experiências ambientais tornam-se essenciais para o aumento do número de conexões neurais e sua especialização, à medida que a criança cresce e passa a usar diferentes partes do corpo de forma mais eficiente. Dentro de um tempo considerado esperado, as crianças iniciam a aquisição de novas habilidades, seguindo uma sequência natural de desenvolvimento. À medida que amadurecem, elas adquirem novos comportamentos ou ajustam os antigos, em um processo que pode ser classificado como aprendizagem. Papalia *et al.* (2006, p. 31 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022), descrevem a aprendizagem como “uma mudança duradoura no comportamento, decorrente da experiência ou adaptação ao ambiente”.

A compreensão da chamada primeira infância, especialmente os primeiros três anos de vida, revela-se ainda mais crucial. Trata-se de um período especialmente sensível ao desenvolvimento cerebral, no qual a plasticidade do cérebro favorece a aquisição de recursos essenciais para os anos posteriores de crescimento (Black *et al.*, 2017 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022).

As habilidades motoras, tanto grossas quanto finas, são componentes fundamentais do desenvolvimento integral da criança, permitindo-lhe explorar o ambiente ao seu redor por meio de brincadeiras com objetos, demonstrações de afeto e a conquista da autonomia através da mobilidade (Weiss; Oakland; Aylward, 2017 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022).

Por outro lado, o desenvolvimento cognitivo refere-se aos processos que auxiliam a criança a interpretar e reagir às situações que ocorrem no ambiente. Nesse domínio, ela constrói conceitos, aprimora seu raciocínio, descobre soluções para problemas, além

de memorizar aprendizagens, manter a atenção, planejar e organizar suas ações.

De acordo com Trombly e Radomski (2005 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022), o desenvolvimento sociocomunicativo envolve as interações e a manutenção de relações com outras pessoas, sendo fundamental para que a criança compreenda emoções e sentimentos. Por meio da linguagem receptiva, ela consegue entender elementos da comunicação falada e não falada, além de desenvolver habilidades de comunicação expressiva, entre outros aspectos. Assim, a detecção precoce de alterações durante essa fase do desenvolvimento infantil é crucial, pois abre possibilidades para intervenções preventivas que podem evitar ou minimizar problemas físicos e mentais futuros (Lauritsen, 2013 *apud* Moraes; Nascimento; Tamarozzi, 2022).

1.1.2 Ludoterapia

O termo “ludoterapia” teve sua origem na área das psicoterapias com a publicação do livro de Virginia Axline, intitulado *Play Therapy*. Após essa publicação, o conceito se expandiu e passou a ser utilizado para se referir a qualquer tipo de trabalho terapêutico com crianças que emprega brinquedos como recursos para facilitar a expressão infantil no ambiente terapêutico (Aguiar, 2014 *apud* Silva; Barroso, 2017).

A definição da ludoterapia pode ser dada como:

Uma relação interpessoal dinâmica entre a criança e um terapeuta treinado em ludoterapia que providencia a está um conjunto variado de brinquedos e uma relação terapêutica segura de forma que possa expressar e explorar plenamente o seu self (sentimentos, pensamentos, experiências, comportamentos) através do seu meio natural de comunicação: o brincar (Landreth, 2002, p. 16 *apud* Homem, 2009).

Segundo Almeida (1998 *apud* Silva; Barroso, 2017), a ludoterapia promove nas crianças a capacidade de manifestar e indicar sentimentos, sensações e preocupações relacionadas às experiências do cotidiano. Por meio do uso de objetos familiares, essa abordagem facilita a compreensão e o processamento de situações de stress ou de novas aprendizagens, especialmente em crianças que ainda não possuem plena capacidade de articulá-las verbalmente, contribuindo assim para seu desenvolvimento emocional e cognitivo.

De acordo com Martelli (2000 *apud* Silva; Barroso, 2017), a ludoterapia é um processo facilitador para as demais terapias, especialmente no atendimento a crianças autistas, devido ao fato de algumas dessas crianças não possuírem uma comunicação verbal adequada. Sendo assim, ela funciona como um meio de expressão e

compreensão do mundo, permitindo que a criança manifeste seus sentimentos, pensamentos e emoções por meio do brincar, o que potencializa os resultados das intervenções terapêuticas.

Por meio do brincar, o autista expressa seu entendimento do mundo e, por não possuir as repressões que geralmente temos, libera todo seu sentimento ao manipular objetos. Porém, o brincar pressupõe regra e ordem e a repetição que existe na brincadeira. Assim a criança pode se reencontrar, não apenas com os objetos e as situações das brincadeiras, como também consigo próprio, reafirmando sua pessoa, fortalecendo-se (Martelli *et al.*, 2000, p. 23 *apud* Silva; Barroso, 2017).

A prática da Ludoterapia facilita para o autista a expressão de emoções e o entendimento do ambiente ao seu redor. A estrutura, regras e repetição presentes na brincadeira auxiliam a criança a se reconectar consigo mesma, fortalecendo sua autoestima e promovendo o desenvolvimento emocional

A Ludoterapia difere da Terapia pelo Brincar, pois requer maior treinamento, compreensão das teorias psicológicas, ética e supervisão clínica para garantir uma relação terapêutica segura. Enquanto a Terapia pelo Brincar é uma ferramenta que pode ser utilizada por professores, pais e profissionais com princípios básicos de psicologia infantil, a Ludoterapia envolve técnicas variadas e uma formação mais aprofundada. O brincar, especialmente no caso do autista, deve incluir desafios que atraiam o indivíduo, exigindo esforço e um objetivo final, além de uma interpretação adequada pelo terapeuta, visando melhor entendimento do autista em relação a si mesmo e ao ambiente.

Segundo Friedmann (1998 *apud* Silva; Barroso, 2017), as capacidades cognitivas e intelectuais podem ser estimuladas por meio do brincar, que permite a experimentação livre e o teste de estratégias em contextos controlados, promovendo o desenvolvimento do senso de causa e efeito, planejamento, relacionamento social e resolução de conflitos, habilidades essenciais para a vida.

De acordo com Homem (2009 *apud* Silva; Barroso, 2017), a brincadeira é conduzida pela própria criança, que decide o que deseja e de que maneira brincar, o que favorece a exteriorização de suas emoções e sentimentos. Contudo, o desenvolvimento dessa liberdade de expressão pode levar um certo tempo, já que a ludoterapia é um processo que demanda paciência e gradualidade.

Conforme Branco (2001 *apud* Silva; Barroso, 2017), o ambiente ideal para a ludoterapia deve ser uma sala que proporcione conforto, iluminação adequada, amplitude e isolamento acústico. Além disso, é fundamental dispor de uma variedade de materiais como pincel, cola, papel, tesoura, brinquedos como carrinhos, bonecas, lápis de cor, mobílias de casinha, figuras familiares, além de jogos e objetos diversos compatíveis com diferentes idades, além de uma mesinha com cadeiras.

De acordo com Axline (1972 *apud* Silva; Barroso, 2017), os materiais utilizados na ludoterapia devem ser armazenados em locais visíveis e de fácil acesso às crianças, permitindo que elas tenham a liberdade de escolher aqueles que desejam usar. Essa abordagem favorece a autonomia e a expressão espontânea das crianças durante o processo terapêutico.

A criança precisa poder escolhê-los como seus meios de expressão. Isso dará um resultado contrário a quando o terapeuta dispõe de materiais selecionados, na mesa em frente à criança e assenta-se, quietamente, esperando por ela numa conduta não-diretiva. Alguns terapeutas preferem usar um mínimo de materiais e têm observado interessantes resultados com objetos selecionados seja a própria criança que os escolha na ludoterapia (Axline, 1972, p. 53 *apud* Silva; Barroso, 2017).

Conforme (Lopes 2022 *apud* Silva; Almeida, 2023), a ludoterapia é reconhecida como uma intervenção terapêutica e também como uma abordagem pedagógica adequada para crianças com TEA. Essa modalidade de terapia tem o potencial de promover avanços significativos na comunicação e na socialização, utilizando recursos como a psicomotricidade e a musicoterapia. Através do uso de brincadeiras, jogos e atividades lúdicas, a ludoterapia contribui para o desenvolvimento cognitivo, motor e socioafetivo das crianças com TEA, facilitando o fortalecimento de suas habilidades de expressão, interação social e compreensão do mundo ao seu redor.

Segundo Meirelles (2021 *apud* Silva; Almeida, 2023), a ludoterapia possui grande flexibilidade e pode ser adaptada para atender a uma variedade de necessidades, incluindo problemas emocionais, traumas, dificuldades de aprendizagem e distúrbios comportamentais. Essa versatilidade permite que a intervenção seja direcionada às particularidades de cada criança, promovendo seu crescimento emocional e psicológico de forma mais efetiva por meio de recursos lúdicos específicos que facilitam a expressão e a superação de suas dificuldades.

1.1.3 Características e Manifestações do Transtorno do Espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por um conjunto de síndromes, incluindo autismo clássico, Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett, transtorno desintegrativo infantil e Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação (TGDDSOE) (Silva; Barroso 2017). Esse transtorno envolve dificuldades na comunicação verbal e não-verbal, alterações nas relações interpessoais, interesses restritos e repetitivos, prejuízos no contato visual, uso atípico de gestos e expressão corporal, entre outras características do espectro. Além disso, o grau de comprometimento das crianças pode variar.

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que costuma se manifestar precocemente, geralmente antes dos três anos de idade, segundo Farias e Farias (2022 *apud* Silva; Almeida, 2023). O TEA apresenta dificuldades na interação social, interesses restritos e padrões comportamentais repetitivos. Trata-se de um transtorno que pode variar em intensidade e impactar diferentes áreas do desenvolvimento infantil, incluindo comunicação, cognição e comportamento.

De acordo com Brasil (2022 *apud* Silva; Almeida, 2023), abordar o tema do autismo ainda é um desafio, pois o transtorno não se manifesta de forma uniforme, cada cérebro é único, e não existem duas pessoas com autismo iguais. O autor destaca que o autismo se apresenta de diferentes maneiras e que cada indivíduo diagnosticado possui características próprias. Além disso, enfatiza a importância de respeitar o mundo e a individualidade da criança desde o primeiro contato terapêutico ou educacional.

Na pesquisa de Scala, Ferreira e Albuquerque (2022 *apud* Silva; Almeida, 2023), os autores destacam que indivíduos com TEA apresentam uma diversidade de manifestações comportamentais, incluindo alterações na comunicação, na expressão e na interação social, além de padrões de comportamento repetitivos, interesses restritos ou atividades específicas, dificuldade na comunicação verbal ou não verbal e resistência a mudanças na rotina. Os autores também salientam que o TEA se caracteriza por um desenvolvimento atípico ou alterado, que surge geralmente antes dos três anos, com comprometimentos significativos em pelo menos uma das seguintes áreas: comportamentos repetitivos, interação social e atenção focada.

Observa-se que o Transtorno do Espectro Autista apresenta uma ampla variedade de manifestações e diferentes níveis de comprometimento, afetando áreas centrais do desenvolvimento infantil, como comunicação, cognição e habilidades sociais. Diante dessa diversidade, é essencial que as intervenções terapêuticas, como a ludoterapia, sejam cuidadosamente adaptadas às necessidades de cada criança, respeitando seu ritmo e características individuais. Pesquisas realizadas no Brasil demonstram que, quando adaptada às necessidades de cada criança, a ludoterapia pode ampliar significativamente o desenvolvimento social, emocional e cognitivo, destacando-se como uma abordagem que valoriza a individualidade do participante enquanto promove aprendizagem e interação por meio de atividades lúdicas.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e com caráter exploratório-descritivo. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela intenção de compreender, de maneira interpretativa, as contribuições da ludoterapia para o desenvolvimento de crianças com TEA, considerando as dimensões emocionais, sociais e cognitivas envolvidas nesse processo. A pesquisa qualitativa permite uma análise mais profunda dos significados, experiências e percepções que emergem nas práticas terapêuticas, favorecendo uma compreensão ampliada do fenômeno estudado. Já o caráter bibliográfico fundamenta-se na consulta e análise de obras, artigos científicos e produções acadêmicas que abordam a temática, enquanto o viés exploratório-descritivo possibilita identificar, descrever e interpretar as principais contribuições e implicações da ludoterapia no contexto do desenvolvimento infantil.

A pesquisa bibliográfica foi escolhida por permitir o embasamento teórico do estudo a partir de materiais já publicados, como artigos científicos e produções acadêmicas sobre o autismo e as contribuições da ludoterapia. De acordo com (Silva e Barroso 2017), esse tipo de pesquisa possibilita reunir diferentes ideias e perspectivas sobre a ludoterapia, contribuindo para uma melhor compreensão de seus efeitos no desenvolvimento infantil.

O caráter exploratório ajuda a ampliar o entendimento sobre o tema, enquanto o descritivo buscou identificar e apresentar os principais conceitos, resultados e evidências encontrados na literatura científica. A população desta pesquisa inclui produções científicas nacionais que abordam o uso da ludoterapia como recurso terapêutico no desenvolvimento de crianças com TEA.

A população desta pesquisa compreende produções científicas nacionais que abordam o uso da ludoterapia como recurso terapêutico no desenvolvimento de crianças diagnosticadas com TEA.

A amostra foi composta por artigos, dissertações e teses publicadas entre os anos de 2017 a 2025, período que reúne estudos relevantes sobre intervenções terapêuticas voltadas ao autismo infantil. As fontes foram localizadas em bases de dados como SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Os critérios de inclusão consideraram produções em língua portuguesa, disponíveis em acesso aberto e com relação direta entre ludoterapia, desenvolvimento infantil e Transtorno do Espectro Autista. Foram excluídos materiais sem fundamentação científica, duplicados, resumos simples ou que tratassem do brincar sem relação com o contexto terapêutico.

A coleta dos dados ocorreu entre os meses de agosto, setembro e outubro de 2025, mediante levantamento digital nas bases de dados mencionadas. O processo de busca utilizou combinações entre as seguintes palavras-chave: ludoterapia, transtorno do espectro autista, autismo infantil, terapia pelo brincar e desenvolvimento emocional infantil.

Após o levantamento inicial, os materiais foram organizados e classificados conforme sua relevância e coerência com os objetivos da pesquisa. Em seguida, foi realizada uma leitura exploratória, seguida de uma leitura seletiva, que permitiu escolher os estudos mais consistentes. Por fim, a leitura analítica e interpretativa possibilitou a identificação das principais contribuições e evidências sobre a importância da ludoterapia no processo terapêutico de crianças com TEA.

Foram utilizados como instrumentos de pesquisa fichamentos e roteiros de leitura analítica, elaborados para organizar e registrar as informações obtidas nos materiais selecionados. Esses instrumentos ajudaram a reunir dados como autor, ano de publicação, objetivos do estudo, metodologia, principais resultados e conclusões, permitindo uma análise comparativa entre diferentes perspectivas teóricas sobre a ludoterapia e o autismo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos selecionados permitiu identificar que a ludoterapia constitui uma intervenção terapêutica eficaz no desenvolvimento emocional, social e cognitivo de

crianças com TEA. As produções revisadas evidenciam que o brincar, quando conduzido de forma estruturada e mediada por um terapeuta capacitado, promove avanços significativos na expressão de sentimentos, na interação social e na regulação emocional dessas crianças.

Sob o ponto de vista emocional, os estudos revisados reforçam que o brincar é uma via de acesso ao mundo interno da criança, possibilitando a externalização de sentimentos como medo, raiva, tristeza e alegria. Essa expressão simbólica, mediada pela ludoterapia, ajuda a reduzir tensões e ansiedades, permitindo que a criança encontre novas formas de lidar com experiências que lhe causam desconforto ou insegurança. Assim, o processo terapêutico não se limita à observação comportamental, mas envolve uma reorganização afetiva profunda, essencial para a regulação emocional e para o desenvolvimento da autoestima.

Entre os resultados observados, destaca-se a importância do envolvimento familiar no processo terapêutico. Meirelles (2021 apud Silva; Almeida, 2023), enfatiza que a ludoterapia deve incluir os cuidadores, uma vez que a reprodução das práticas lúdicas no ambiente doméstico contribui para a ampliação e a generalização dos ganhos obtidos em sessão. Quando os pais aprendem a brincar terapeuticamente com os filhos, estabelece-se um canal afetivo mais sólido, que favorece o desenvolvimento emocional, reduz comportamentos desafiadores e fortalece os vínculos familiares. Dessa forma, a participação da família torna-se um componente essencial para a consolidação dos resultados terapêuticos e para a construção de uma rede de apoio mais consistente e acolhedora.

De modo geral, os resultados apontam que o uso de atividades lúdicas favorece a comunicação espontânea, especialmente entre crianças com limitações verbais, funcionando como um canal de expressão alternativo. O brincar terapêutico possibilita à criança representar situações cotidianas e elaborar experiências emocionais difíceis, fortalecendo o vínculo com o terapeuta e estimulando o desenvolvimento da autonomia (Landreth, 2002 apud Homem, 2009).

Observou-se que a ludoterapia estimula a interação social e a capacidade comunicativa. Lopes (2022 apud Silva; Almeida, 2023), evidencia que, ao envolver recursos como jogos, psicomotricidade e musicoterapia, essa abordagem promove avanços na comunicação verbal e não verbal, permitindo que a criança compreenda melhor suas emoções e as dos outros.

O brincar mediado contribui, portanto, para o fortalecimento de vínculos e para a aprendizagem de comportamentos sociais adaptativos, como o respeito às regras, a

espera pela vez e a cooperação. A repetição, a regra e a previsibilidade presentes nas brincadeiras funcionam como elementos reguladores que geram conforto, segurança e controle sobre o ambiente. Assim, a ludoterapia favorece tanto a organização emocional quanto a integração entre pensamento e ação, reduzindo comportamentos repetitivos e estereotipados.

As evidências encontradas indicam, ainda, que a ludoterapia tem papel relevante na inclusão social e escolar de crianças com TEA. O desenvolvimento de habilidades sociais por meio do brincar terapêutico contribui para a ampliação das relações interpessoais e para a melhora da convivência com colegas e professores. Ao aprender a expressar-se e compreender o outro, a criança torna-se mais apta a interagir no ambiente escolar, participando de atividades coletivas e cooperativas com maior segurança e autonomia.

Outro aspecto abordado nas pesquisas é o caráter humanizador da ludoterapia. Brasil (2022 apud Silva; Almeida, 2023), enfatiza que cada indivíduo autista possui características únicas, e a ludoterapia se destaca justamente por respeitar essa singularidade. O terapeuta não busca moldar a criança a padrões típicos de comportamento, mas compreender e valorizar seu modo de ser, utilizando o brincar como ponte entre o mundo interno e o externo. Essa postura contribui para uma prática clínica mais ética, empática e inclusiva, centrada na potencialidade da criança e não em suas limitações.

Ademais, constata-se o impacto da ludoterapia sobre o desenvolvimento cognitivo e a flexibilidade mental. Conforme Friedmann (1998 apud Silva; Barroso, 2017), o brincar favorece o raciocínio, o pensamento criativo e o senso de causa e efeito, estimulando a criança a planejar, testar estratégias e resolver problemas de maneira autônoma. Essas habilidades são essenciais para o desenvolvimento da atenção, da memória e do controle inibitório, aspectos frequentemente comprometidos em crianças com TEA.

Os resultados também mostram que o ambiente terapêutico exerce influência significativa sobre os efeitos da ludoterapia. Branco (2001 apud Silva; Barroso, 2017) e Axline (1972 apud Silva; Barroso, 2017), afirmam que o espaço deve ser estruturado de forma acolhedora, silenciosa e organizada, com brinquedos dispostos à vista, possibilitando à criança autonomia na escolha dos objetos. Essa liberdade reforça o sentimento de controle e segurança, promovendo a autoconfiança e a espontaneidade. O terapeuta, nesse contexto, atua como mediador sensível, não diretivo e empático, que respeita o tempo e o ritmo da criança, favorecendo a expressão emocional e o desenvolvimento simbólico.

De modo geral, os estudos analisados convergem para a compreensão de que a ludoterapia, ao utilizar o brincar como linguagem simbólica e terapêutica, constitui uma estratégia de intervenção capaz de favorecer o desenvolvimento integral de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Ela atua simultaneamente sobre dimensões emocionais, cognitivas e sociais, promovendo ganhos duradouros na qualidade de vida e no processo de inclusão. Portanto, a discussão dos resultados confirma que a ludoterapia é uma prática clinicamente significativa e teoricamente consistente, que deve ser cada vez mais valorizada nos contextos educacional, psicológico e familiar. Ao integrar afeto, expressão simbólica e mediação terapêutica, essa abordagem oferece às crianças com TEA oportunidades reais de crescimento, autonomia e socialização, reafirmando o brincar como instrumento fundamental no desenvolvimento humano.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que a ludoterapia representa uma estratégia terapêutica eficaz no atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), utilizando o brincar como meio de expressão, comunicação e desenvolvimento. Os objetivos propostos, que visavam compreender os efeitos da ludoterapia sobre o desenvolvimento emocional, social e cognitivo, foram alcançados, e as hipóteses formuladas de que o brincar terapêutico favorece a expressão de sentimentos, amplia habilidades de interação social e estimula a cognição, além de que a participação familiar potencializa os resultados, foram confirmadas.

No aspecto emocional, observou-se que o brincar terapêutico proporciona um ambiente seguro para a expressão e elaboração de sentimentos, como medo, raiva e tristeza, promovendo a regulação emocional e o fortalecimento da autoestima. A ludoterapia possibilita que a criança lide de maneira mais equilibrada com suas emoções, transformando o brincar em uma via de autoconhecimento e reorganização afetiva.

No campo social, constatou-se que o brincar mediado estimula a socialização e o fortalecimento dos vínculos afetivos, favorecendo a interação com o terapeuta, a família e o ambiente escolar. A intervenção amplia as formas de comunicação verbal e não verbal, promovendo a inclusão e o respeito às regras de convivência. A participação da família mostrou-se essencial nesse processo, pois reforça os resultados terapêuticos e contribui para uma convivência mais harmoniosa no cotidiano.

Por fim, no aspecto cognitivo, verificou-se que a ludoterapia estimula habilidades como atenção, memória, criatividade e resolução de problemas, promovendo avanços no raciocínio e na autonomia. Essas conquistas favorecem a adaptação da criança aos

contextos de aprendizagem e socialização, ampliando suas possibilidades de desenvolvimento integral.

Dessa forma, confirma-se que a ludoterapia é uma abordagem humanizada e eficaz, que respeita a individualidade e o ritmo de cada criança, valorizando suas potencialidades e não apenas suas limitações. O estudo reforça a importância de ampliar pesquisas e práticas clínicas voltadas à ludoterapia, de modo que mais profissionais da psicologia e da educação possam utilizá-la como ferramenta de intervenção, promovendo o bem-estar e o desenvolvimento integral de crianças com TEA.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Silvana Azevedo. *O autismo na escola pública: serviço de orientação educacional persistente e atuante*. Edição Especial – Volume 6, Número 5, 2021.
- CALÓ, INPA. *Apostila de Ludoterapia*. [S.l.: s.n.], 2020.
- COLOVINI, Cristian Ericksson; BERTOLIN, Rosemari Stein. *Ludoterapia Centrada na Criança*. Porto Alegre: Delphos Instituto de Psicologia Humanista, s.d.
- HOMEM, Catarina. *A ludoterapia e a importância do brincar: reflexões de uma educadora de infância*. Cadernos de Educação de Infância, n. 88, p. 21–24, dez. 2009.
- MORAES, Gisela Tebaldi Guedes de; NASCIMENTO, Ladislau Ribeiro do; TAMAROZZI, Giselli de Almeida. *Marcos do desenvolvimento infantil e sua relação com o diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista*. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v. 9, n. 24, p. 289-300, 2022.
- MORAES, Kely; FERRAS, Samanta Dias; MACHADO, Lucio Mauro Braga. *O desenvolvimento das crianças com TEA*. In: XVI Jornada Científica dos Campos Gerais, 24–26 out. 2018, Ponta Grossa. Anais [...]. Ponta Grossa: NUFEP, 2018.
- REIS, William dos Santos. *A ludoterapia no ensino de crianças TEA*. 2021. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade Anhanguera de Brasília, Brasília, 2021.
- SANTOS, Fabiana Haro dos; GRILLO, Mariana Aparecida. *Transtorno do Espectro Autista – TEA*. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 12, n. 3, p. 30-38, jul./set. 2015.
- SILVA, Fernanda Karina Uchôa da; BARROSO, Ana Cláudia. *Contribuição da ludoterapia no autismo infantil*. Saber Humano – Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti, v. 7, n. 11, p. 210-224, jan./jun. 2017.
- SILVA, Ludmylla Neri Bernardo da; ALMEIDA, Maria Julia Soares de. *A relevância da ludoterapia no desenvolvimento cognitivo em crianças autistas (TEA)*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, Recife, 2023.
- SOUZA, Lara Martins de; VELOZO, Laura da Silva. *Ludoterapia centrada na criança: a importância do brincar no setting terapêutico*. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 9, n. 8, p. 1369-1380, ago. 2023.